

ETTO, Rodrigo Mazer; CARLOS, Valeska Gracioso. A marginalidade social em *A Polaquinha e Stella Manhattan*. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.210-224, 2017. (ISSN: 2317-1006 - online).

A MARGINALIDADE SOCIAL EM A POLAQUINHA E STELLA MANHATTAN

THE SOCIAL MARGINALITY IN A POLAQUINHA AND STELLA MANHATTAN

Rodrigo Mazer Etto¹
Valeska Gracioso Carlos²

RESUMO: A partir da segunda metade de 1980 a literatura se preocupa em retratar os problemas sociais que o Brasil enfrentava com o término do Regime Militar. Nesse sentido, este trabalho propõe uma reflexão sobre a relação entre marginalidade social e sexualidade, utilizando duas obras editadas em 1985, ano que marca o fim do regime militar no Brasil. Através da metodologia de revisão bibliográfica, e utilizando referencial teórico de Lauretis (1994), Beauvoir (2009), Spivak (2010) e Sartre (1993) esse trabalho objetiva lançar luz sobre a questão da localização social dos sujeitos, em decorrência de suas orientações sexuais.

PALAVRAS-CHAVE: Homossexualidade, gênero feminino, representação.

ABSTRACT: From the second half of 1980 the literature is concerned with portraying the social problems that Brazil faced with the end of the Military Regime. In this sense, this work proposes a reflection on the relationship between social marginality and sexuality, using two works published in 1985, a year that marks the end of the military regime in Brazil. Through the methodology of bibliographic revision, and using theoretical reference of Lauretis (1994), Beauvoir (2009), Spivak (2010) and Sartre (1993) this work aims to shed light on the issue of the social location of subjects, due to their sexual orientation.

KEYWORDS: Homosexuality, feminine gender, representation.

Introdução

A ideia de trabalhar com as obras *Stella Manhattan* (SANTIAGO, 1985) e *A polaquinha* (TREVISAN, 1985) considerou o fato dos dois livros terem sido publicados em 1985, no fim da ditadura militar³, e apresentarem protagonistas enquadrados na marginalidade social em virtude de suas orientações sexuais. Dessa forma tanto a protagonista feminina de Trevisan (1985) quanto os protagonistas Eduardo e Coronel

¹ Especialista em Língua Portuguesa e Literaturas da Faculdade SECAL e Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade estadual de Ponta Grossa – PR. E-mail: etto.rodrigo@gmail.com

² Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Ponta Grossa – PR. E-mail: ygracioso@uol.com.br

³ A ditadura militar no Brasil, ou Quinta República Brasileira foi o regime instaurado em 1 de abril de 1964 e que durou até 15 de março de 1985, sob comando de sucessivos governos militares. De caráter autoritário e nacionalista, teve início com o golpe militar que derrubou o governo de João Goulart, o então presidente democraticamente eleito. O regime acabou quando José Sarney assumiu a presidência, o que deu início ao período conhecido como Nova República (ou Sexta República). Apesar das promessas iniciais de uma intervenção breve, a ditadura militar durou 21 anos. Além disso, o regime pôs em prática vários Atos Institucionais, culminando com o Ato Institucional Número Cinco (AI-5) de 1968, que vigorou por dez anos. A Constituição de 1946 foi substituída pela Constituição de 1967 e, ao mesmo tempo, o Congresso Nacional foi dissolvido, liberdades civis foram suprimidas e foi criado um código de processo penal militar que permitia que o Exército brasileiro e a Polícia Militar pudessem prender e encarcerar pessoas consideradas suspeitas, além de impossibilitar qualquer revisão judicial.

ETTO, Rodrigo Mazer; CARLOS, Valeska Gracioso. A marginalidade social em *A Polaquinha e Stella Manhattan*. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.210-224, 2017. (ISSN: 2317-1006 - online).

Vianna, da obra de Santiago (1985), serão analisados considerando-se a posição social, geográfica e, conseqüentemente periférica, a que são submetidos.

Por representarem os espaços e lugares dos excluídos, dos periféricos, e permitirem a contestação dos valores socioculturais e político-econômicos que relegam as pessoas à marginalidade social, a literatura representa uma forma de denunciar o processo de exclusão social que transforma os excluídos em um contingente invisível e sem voz nem vez.

A vontade e a necessidade popular de ultrapassar barreiras e contestar imposições arbitrárias esteve muito presente nos corações e nas mentes dos brasileiros que vivenciaram o obscuro período ditatorial brasileiro. Considerando as duas obras em questão, esse anseio pôde ser concretizado através do poder da imaginação, que caracteriza a literatura, pois a ficção transpõe obstáculos e possibilita que, através da imaginação, algumas pessoas reflitam sobre suas posições, permitindo uma possível libertação de comportamentos repressivos e excludentes, os quais contribuem para a marginalização social daqueles que, por seus comportamentos e escolhas, não se encaixam nos tradicionais padrões de comportamento hegemonicamente instituídos.

A Literatura propicia que diferentes discursos sejam representados e os indivíduos sejam ressignificados dentro de um determinado contexto cultural. Esses indivíduos podem pertencer às camadas sociais de maior prestígio, as que são tidas como hegemônicas, social e economicamente, ou podem, como no caso dos protagonistas analisados neste trabalho, representar as minorias sociais, aquelas sem voz nem vez, as que sofrem com a discriminação, o preconceito, decorrentes da marginalidade social em que se encontram, por não se enquadrarem naquilo que a sociedade considera como normal ou aceitável. Assim, prostitutas, homossexuais, travestis, *voyeurs* e outros grupos discriminados em virtude de suas orientações sexuais, lutam pelo reconhecimento de seus valores culturais.

A análise das duas obras justifica-se pela necessidade de se desconstruir discursos que relegam a mulher prostituta e o homossexual à marginalidade, excluindo-os de maior participação política e social.

Este trabalho se divide em três partes: a primeira traz uma breve discussão sobre como a mulher prostituta foi retratada por Trevisan, na condição de autor representante do sexo masculino; a segunda parte aborda a homossexualidade e a marginalização social na obra *Stella Manhattan*, e nas considerações finais apresenta-se um paralelo entre as obras partindo de um mesmo olhar dos protagonistas: a perspectiva dos rejeitados, que em

ETTO, Rodrigo Mazer; CARLOS, Valeska Gracioso. A marginalidade social em *A Polaquinha e Stella Manhattan*. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.210-224, 2017. (ISSN: 2317-1006 - online).

decorrência de suas orientações sexuais, são relegados à marginalidade socioeconômica e cultural.

A polaquinha de Dalton Trevisan

A literatura marginal de Santiago (1985) e Trevisan (1985) permite que paradigmas posicionados hegemonicamente sejam contestados, desestabilizando ideias e valores, desnudando aspectos da vida social que permaneciam encobertos e exigiam um olhar mais crítico por parte da sociedade.

Na história das sociedades, tanto antigas quanto as contemporâneas, são muitos os exemplos em que a censura serviu como instrumento de repressão e policiamento, impedindo a livre expressão cultural e ocasionando o silenciamento de narrativas que abordassem questões importantes relacionadas a grupos sociais marginalizados. Por esse motivo a literatura pode representar uma ameaça à ordem social, pois é através dela que é possível questionar o tradicionalismo e a imposição de certos valores, que marginalizam os que não têm voz e nem vez.

É nesse sentido que, apresentando um discurso livre indireto, o livro *A polaquinha* trata de um tema estritamente relacionado à marginalidade social, apresentando a questão da prostituta no contexto da sociedade de Curitiba. Nessa obra, o literato Dalton Trevisan trata de maneira naturalizada a pornografia, abordando a mulher prostituta, por meio de uma linguagem popular e de um diálogo bem próximo com o leitor, pois em muitas passagens do livro, além do diálogo da protagonista com seus clientes, tem-se a impressão que a mesma dialoga com o leitor, da mesma maneira que ocorre com os clientes da polaca, estabelecendo uma relação de proximidade e confidencialidade com ela.

Outros escritores abordaram temas vinculados com a marginalidade social: João Antônio (1986, 2004), através de um tratamento afetivo e forte relação de identidade com o mundo que retrata, apresentou a visão do malandro; Rubem Fonseca (1975, 1979), ao criar uma narrativa a partir do olhar de personagens em débito com a justiça, expõe dramas decorrentes de atitudes e comportamentos transgressores de seus personagens, tendo inclusive, seu livro *Feliz Ano Novo*, sido proibido de circular em todo o território nacional, e recolhido pelo Departamento de Polícia Federal, sob a alegação de possuir um conteúdo contrário à moral e aos bons costumes. Todos esses são escritores com formação literária que adotaram em suas obras a voz de alteridade.

ETTO, Rodrigo Mazer; CARLOS, Valeska Gracioso. A marginalidade social em A Polaquinha e Stella Manhattan. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.210-224, 2017. (ISSN: 2317-1006 - online).

Se Rubem Fonseca se encaixa em um primeiro nível de literatura relacionada a personagens periféricos, e João Antônio se localiza num segundo nível literário desse tipo de abordagem, Dalton representa um terceiro nível, pois na obra em questão a marginalização social a que é relegada seus personagens, é representada pela visão da prostituta.

Outros autores já abordaram aspectos importantes neste livro de Trevisan como o professor Miguel Sanches Neto (1994) na sua dissertação de mestrado intitulada *O Artíficio Obsceno: visitando a polaquinha* (NETO, 1994), em que trata da prostituta curitibana que, conforme vai descobrindo os mistérios da sexualidade, oferece ao leitor sua narrativa.

O próprio título do livro já demonstra que se trata da história de uma mulher, a protagonista prostituta, que ao protagonizar e narrar a história, representa o feminino, visto e construído a partir de um olhar masculino, o autor. Isto posto, é possível inferir que mesmo localizando a polaquinha numa situação socialmente periférica, e conseguir transmitir ao leitor as ilusões, fantasias, anseios e preocupações da protagonista, deve-se considerar que apesar de ter um grande tato para lidar com personagens marginalizados e com o contexto sociocultural da cidade de Curitiba, Dalton Trevisan, independentemente de qualquer preocupação social ou política, não deixa de ser um elemento masculino representando literariamente um universo duplamente oposto: o mundo subalterno feminino e o universo socialmente periférico das prostitutas.

A protagonista apresenta seus clientes a partir de João, o primeiro amante que lhe deu os primeiros ensinamentos teóricos sobre o sexo; em seguida é a vez de Tito se relacionar com a polaca; seu terceiro companheiro é Nando, finalizando sua troca de parceiros com Pedro.

A história é contada pela própria personagem, que além do poder sexual, detém o poder da palavra na narrativa. A leitura do livro dá a sensação de que a polaquinha conta sua trajetória para o leitor, que pode ser considerado mais um cliente que, ao contratar seus serviços sexuais através da leitura, desenvolve uma relação de proximidade e intimidade com a polaca, como se verifica na passagem “*O retrato dele a mãe rasgou, senão te mostrava*” (TREVISAN, 1985, p.25).

Em alguns momentos, essa proximidade entre ela e o leitor adquire traços de uma confiança, da revelação de segredos, como nos trechos: “*Se minha mãe sobe a escada, já viu?*” (TREVISAN, 1985, p. 11), “*Não é que boba, volto para pegar?*” (TREVISAN,

ETTO, Rodrigo Mazer; CARLOS, Valeska Gracioso. A marginalidade social em A Polaquinha e Stella Manhattan. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.210-224, 2017. (ISSN: 2317-1006 - online).

1985, p.15). Essa aproximação e confiança que se estabelece entre leitor e protagonista sugere uma falsa intimidade, bem próxima da relação que se estabelece entre um cliente e uma prostituta, em que a intimidade fica restrita ao próprio ato sexual, não se constituído em uma manifestação de intimidade afetiva.

Na ocasião em que conta sobre seu primeiro namorado, o João, é possível observar que Dalton Trevisan representa a personagem através da apropriação de suas linguagens: “*Me abraçava, eu tremia de gozo. Tanto medo: duro, grande, furando a calça*” (TREVISAN, 1985, p. 10), “*Eu queria, mas ele só encostava*” (TREVISAN, 1985, p.11), e incorpora, numa literatura séria, personagens que não são levados a sério, apresentando os subalternos através de uma linguagem sedutora.

Na representação da mulher prostituta, fica clara a interferência dos processos históricos na construção do discurso, em que há a reprodução de um discurso que prega a superioridade do homem em relação à mulher, principalmente nas questões relativas à sexualidade, como é possível constatar no trecho em que a polaquinha insiste a João que lhe explique algumas questões relacionadas ao sexo: “*Que tanto quer saber? Quando casar, aprende*” (TREVISAN, 1985, p.14). Esse trecho reforça a ideia de supremacia e hegemonia do gênero masculino, ao indicar que os homens, ao contrário das mulheres, aprendem naturalmente os mistérios da sexualidade.

Segundo Teresa de Lauretis (1994), a categoria gênero foi desenvolvida pelas teóricas do feminismo contemporâneo com o objetivo de compreender e responder a situação de desigualdade entre os sexos e como essa situação interfere no conjunto das relações sociais. Dentro dessa perspectiva, as concepções de masculino e feminino, nas quais todos os seres humanos são classificados, formam em cada cultura, um sistema de gênero, que relaciona o sexo a conteúdos culturais de acordo com valores e hierarquias sociais, pois:

a construção do gênero é tanto produto quanto o processo de sua representação”. Para ela o “sistema sexo-gênero, enfim, é tanto uma construção sociocultural quanto um aparato semiótico, um sistema de representações que atribui significado (identidade, valor, prestígio, posição de parentesco, status dentro da hierarquia social etc.) a indivíduos dentro da sociedade. Se as representações de gênero são posições sociais que trazem consigo significados diferenciais, então o fato de alguém ser representado ou se representar como masculino ou feminino subentende a totalidade daqueles atributos sociais (LAURETIS, 1994, p. 212).

Dalton Trevisan demonstra que o fato da personagem sentir muito afeto pelo seu primeiro namorado, em virtude dele ter lhe explicado algumas questões sexuais: “*Minha paixão era a mesma. Paixão, não, que é passageira. Amor*” (TREVISAN, 1985, p. 13),

ETTO, Rodrigo Mazer; CARLOS, Valeska Gracioso. A marginalidade social em A Polaquinha e Stella Manhattan. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.210-224, 2017. (ISSN: 2317-1006 - online).

representa o homem ensinando a mulher, o que pode ser interpretado, paralelamente, como um elemento masculino prescrevendo ou sugestionando o comportamento de uma mulher, nesse caso a prostituta.

Após ter conseguido se reencontrar com João, que resiste à sugestão da polaquinha em irem a um hotel e depois acaba cedendo, ele a trata de maneira extremamente grosseira e indelicada: “- *Você não é mais pura. Não é mais virgem. Nunca foi*” (TREVISAN, 1985, p.19). Esse trecho reproduz um comportamento masculino muito comum e arraigado culturalmente na sociedade de valores machistas e sexistas, onde logo após a prática do ato sexual, o homem adquire um tom comportamental mais frio, áspero, diferente do comportamento feminino, que, comumente após uma relação sexual demonstra afetividade e carinho para com o companheiro. Mesmo levando em conta o papel de prostituta da protagonista, é possível constatar a construção simbólica do conceito de coisificação da mulher, o que coincide com os apontamentos de Lauretis sobre as posições de gênero serem socioculturalmente construídas, e formarem um conjunto de representações que transferem certos significados sociais aos indivíduos de uma determinada comunidade.

Paradoxalmente, o desejo da protagonista em ser iniciada sexualmente com João, seu primeiro amor, reflete certa contestação a um discurso que prega que a mulher prostituta não tem sentimentos e, portanto não se liga afetivamente a ninguém.

Outro ponto interessante em se destacar é que a importância da virgindade feminina para o homem coincide com a construção de um valor que separa as mulheres em prestáveis para relacionamentos mais sérios, no caso as virgens, e em mulheres que não servem para o matrimônio, pelo fato de já terem tido experiências sexuais.

A fala áspera e ofensiva de João após o ato sexual demonstra seu posicionamento de acordo com a definição de mulher certa e mulher errada, e quando a chama de impura ele reproduz um discurso que historicamente a colocou numa posição de subalternidade, pois a representação da mulher sempre foi realizada a partir de uma perspectiva, de um olhar masculino, o que contribuiu para que o elemento feminino fosse excluído de toda participação sociopolítica e cultural até o século XIX.

Na ocasião em que polaquinha se ressentiu do fato de João ter alcançado o orgasmo e ela não: “*Com bruta raiva, por ter conseguido, eu não. Egoísta, se me avisasse, quem sabe?*” (TREVISAN, 1985, p. 16), além de ser possível constatar que o discurso sexista prioriza o prazer do homem em detrimento do êxtase sexual feminino, pode-se interpretar

ETTO, Rodrigo Mazer; CARLOS, Valeska Gracioso. A marginalidade social em A Polaquinha e Stella Manhattan. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.210-224, 2017. (ISSN: 2317-1006 - online).

essa passagem como uma reprodução da ideia da desigualdade social de gênero, que relaciona a imagem da mulher com a obrigação sexual de dar prazer aos homens.

Nesse sentido, de acordo com Mireya Suárez (2000, p. 26-27), além de permitir a desconstrução da relação entre mulheres e a natureza biológica, o conceito de gênero permite distinguir e descrever categorias sociais e explicar as relações que se estabelecem entre elas.

Através da narrativa da profissional do sexo do livro de Trevisan, pode-se inferir que nessa obra estão presentes elementos heterogêneos de um discurso de valores tradicionalistas e patriarcais, que se manifestam tanto na dimensão extralinguística - todo discurso carrega em si outros discursos, quanto na dimensão intralinguística - os discursos são marcados por contradições e imperfeições que refletem a falibilidade e os conflitos internos dos sujeitos que os produziram. Nesse sentido afirma Grigoletto:

“Falar de heterogeneidade significa, antes de tudo, questionar a unicidade de todo o dizer, considerando a presença do outro na constituição de todo e qualquer discurso, o que significa postular a ideologia e as relações de poder como constitutivas das relações sociais. Negar tais manifestações é camuflar, mascarar a presença da heterogeneidade. Por fim, falar de heterogeneidade significa também considerar os sentidos como múltiplos e o sujeito como cindido, disperso” (GRIGOLETTO, 2005, p. 125).

Outro ponto importante é que levar uma mulher a atingir o orgasmo é uma condição desconsiderada pela maioria dos homens, que as consideram como uma espécie de mercadoria com a finalidade de satisfazer os impulsos sexuais masculinos e, mesmo como profissional do sexo, a polaquinha nutria sentimentos para com João, para ela sua relação era afetiva, e mesmo assim João só se preocupou em dar vazão aos seus próprios impulsos sexuais.

Depois de passar pela frustração no relacionamento com seu primeiro namorado, João, a protagonista se decepciona novamente quando se envolve com um homem casado de nome Tito. Ao conhecer outro homem casado chamado Nando, um advogado, ela atinge seu primeiro orgasmo e acaba se apaixonando por ele:

“Não me via sem o Nando. Era mais que tudo – o irmão que não tive, o pai que não morreu. Já não comprava um brinco sem falar com ele. Me ensinou a vestir. Fez mudar o penteado. [...] Um dia chegava perto, outro beijava. Uma vez só um pouquinho, outra, não. Até que uma noite, bem louca, eu deixei (TREVISAN, 1985, p. 40).

ETTO, Rodrigo Mazer; CARLOS, Valeska Gracioso. A marginalidade social em A Polaquinha e Stella Manhattan. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.210-224, 2017. (ISSN: 2317-1006 - online).

Na passagem acima é também possível notar a posição subalterna da protagonista criada por Trevisan, pois é possível constatar a relação de dependência criada entre a polaquinha e Nando, que se ressentia da falta de uma presença masculina, seja no papel social de esposo, pai ou irmão.

Dentro do contexto da subalternidade, Gayatri C. Spivak (2010, p.84) afirma que a subalternidade feminina “*parece ser a mais problemática*”, ela se constituiu como uma dupla mudez, pois surge através de uma dupla imposição de ideologias imperialistas e patriarcais.

A posição subalterna da personagem principal evidencia-se não somente em virtude de sua natureza feminina, mas também decorre de sua posição social de prostituta, que faz com que os desejos e fantasias masculinas derrubem as suas fracas barreiras íntimas, como se nota na passagem em que Nando insiste na prática de sexo anal:

Seja boazinha. Deixa, meu bem. Só a pontinha. Se doer, eu tiro. Não é que conseguiu? Horrível, doeu à beça. Cheguei a chorar. Lembrei da minha mãe. Nunca deixe fazer isso. Estraga a mulher. Acaba morrendo. Seca e arreganhada (TREVISAN, 1985, p. 56).

A leitura do livro puxa o leitor para dentro da narrativa, e sua estrutura narrativa apresenta uma fala que começa no meio de outra, reforçando ainda mais o efeito da fala usada em uma situação real. Ao incorporar a oralidade, em que períodos compostos são reduzidos a períodos simples, com o abuso de pontos finais, e ao utilizar termos nitidamente regionais, Dalton faz uma literatura com uma linguagem bem próxima da usada na fala cotidiana, aproximando sua obra do conceito de “*grau zero da escritura*” (BARTHES, 1984), em que tal seria considerada literatura somente a partir desse nível de linguagem, e não o que estivesse abaixo dela.

A utilização de uma linguagem mais próxima da fala real, através das vozes de personagens socialmente marginalizados, também foi um recurso adotado em Stella Manhattan (SANTIAGO, 1985), e embora sua narrativa trate da questão da sexualidade, sua temática direciona-se para a homossexualidade de seus personagens durante o período de repressão da ditadura militar. Ambos os livros foram publicados em 1985, período que marca o fim do regime militar no Brasil.

Stella Manhattan

ETTO, Rodrigo Mazer; CARLOS, Valeska Gracioso. A marginalidade social em *A Polaquinha e Stella Manhattan*. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.210-224, 2017. (ISSN: 2317-1006 - online).

Mesmo durante o vigoroso controle editorial do período militar, alguns escritores como Ignácio de Loyola Brandão (1979) e Ferreira Gullar (2016 [1976]), e artistas como os cantores Chico Buarque (1973) e Gilberto Gil (1973), e outros, conseguiram driblar a rígida censura e produzir obras de cunho político. Mas a partir de 1985, após vinte e um anos de intensa repressão sociocultural, o regime militar instaurado no Brasil em 1964 chegava ao fim, possibilitando maior liberdade e segurança para que a narrativa ficcional abordasse temas como a questão da sexualidade e da homossexualidade, devido ao término da rígida fiscalização e das proibições e sanções que eram dirigidas à imprensa, à literatura e às artes de modo geral.

A narrativa ficcional tem a característica de permitir a problematização da realidade vivenciada por sujeitos que até então eram considerados invisíveis socialmente, e possibilita que questões relativas às minorias sociais, como a homossexualidade e a mulher prostituta, sejam levantadas, favorecendo a discussão e a conscientização em torno de problemas sociais.

Além de possibilitar a libertação de consciências, um dos papéis sociais da literatura é denunciar situações e acontecimentos, jogando luz em questões pouco problematizadas, possibilitando a desconstrução de valores tradicionalistas e totalitários que segregam os indivíduos, grupos e povos, reduzindo-os à marginalidade social. A literatura possibilita a reestruturação de vários discursos sociais, incluindo os que tratam da questão da sexualidade e da homossexualidade. Segundo Foucault (2009) a sexualidade é construída através de experiências e tem origem histórica e sociocultural.

Tanto o cinema quanto o teatro e a música têm abordado a questão da construção de identidade de gênero e sexualidade, possibilitando que a homossexualidade seja retratada e analisada por um olhar menos discriminatório e excludente, como acontece em *Stella Manhattan*.

A narrativa de *Stella Manhattan* se passa em outubro de 1969, quando em virtude da criação do AI-5, o Brasil enfrentava a fase mais dura do regime militar, porém a história não se passa no Brasil, e sim na ilha de Manhattan (NY), especificamente na periferia urbana, onde vive uma comunidade brasileira de exilados. Nessa periferia situa-se o protagonista do romance, Eduardo da Costa e Silva, um jovem homossexual brasileiro formado em Letras que é mandado para Nova Iorque depois de revelar à família sua orientação sexual.

ETTO, Rodrigo Mazer; CARLOS, Valeska Gracioso. A marginalidade social em A Polaquinha e Stella Manhattan. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.210-224, 2017. (ISSN: 2317-1006 - online).

Em Manhattan, através da ajuda de um amigo do seu pai, o coronel Valdevinos Vianna, Eduardo consegue emprego no consulado brasileiro. Então, o introvertido personagem começa um processo de transformação, cria relações de amor e amizade e tenta levar uma vida em que possa mais livremente expressar a sua liberdade, mas logo percebe que só podia ser seguramente livre, internamente. Depois de ajudar o coronel Valdevinos Vianna, alugando no seu próprio nome um apartamento num bairro pobre, que o militar, também homossexual, usa como ponto de encontro para suas aventuras sadomasoquistas, Eduardo enfrenta graves problemas: de um lado, um grupo clandestino de revolucionários brasileiros, e, de outro lado, representantes da extrema direita brasileira, sendo seguido também pelo FBI, que desconfia que Eduardo seja comunista. Mais tarde um homem parecido com Eduardo é preso, alcoolizado e se suicida na cela depois de estuprado por outros prisioneiros. O livro termina sem que seja explicitamente e oficialmente revelado o paradeiro de Eduardo.

A abordagem do homossexual inicia-se com o protagonista Eduardo que durante o dia trabalha no consulado brasileiro e à noite, na marginalidade e periferia, se traveste de Stella Manhattan, um travesti efeminado e sensual.

Nas tarefas do lar, Eduardo assume outra identidade, a Bastiana, inspirada na sua empregada de infância, chamada Sebastiana. As diferentes posturas assumidas por ele dão a impressão de que se trata de pessoas diferentes: *“Por não a ter levado a Woodstok naquele verão, Stella proibira Eduardo de ir ao cinema por um mês e de tomar sorvete também [...]”* (SANTIAGO, 1985, p. 21).

A homossexualidade também é representada na figura do coronel Vianna, que durante o dia, no consulado, ou em casa com a esposa, é o influente e temido militar, prestigiado devido seus serviços prestados durante a repressão política e, durante a noite, no subúrbio, ele assume a personalidade da sadomasoquista Viúva Negra, que sai todas as noites, vestida com roupas pretas e botas de couro, para dar vazão aos desejos e fantasias reprimidos.

A abordagem homossexual no militar dá a impressão de que o coronel e a Viúva Negra são pessoas distintas, e essa duplicidade de identidade sexual numa mesma pessoa se revelava principalmente pela utilização de roupas que pudessem caracterizar, externamente é claro, ou a imagem heterossexual durante o dia, ou o perfil homossexual que os personagens assumiam à noite:

ETTO, Rodrigo Mazer; CARLOS, Valeska Gracioso. A marginalidade social em *A Polaquinha e Stella Manhattan*. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.210-224, 2017. (ISSN: 2317-1006 - online).

O Vianna foi enumerando as mil dificuldades que tinha para transar numa legal em Nova York, ainda mais que gostava agora de gente barra pesada e não enfeitava também negro e porto-riquenho, e em Nova York se a pessoa não estiver vestida a caráter; nada feito. [...] Por isso tinha umas roupas de couro escondidas em casa e já não sabia mais como continuar a escondê-las sem levantar suspeitas da mulher (SANTIAGO, 1985, p. 55-56).

A figura do coronel Vianna permite constatar que, ao assumir dois comportamentos distintos relacionados à sexualidade, durante o dia o militar, e à noite a Viúva Negra, há também a representação simbólica das identidades que assumia: como coronel que representa o poder central do regime militar, portanto, uma posição ativa de controle social, e como a sadomasoquista Viúva Negra, possuidora de um comportamento passivo em relação aos parceiros sexuais que escolhia.

A prática sadomasoquista reforça o simbolismo representado pela passividade da figura da Viúva Negra, pois além da prática de relações homossexuais, sua preferência pelo sadismo contrapõe a autoridade que representa quando personifica o coronel Vianna. A linguagem utilizada na obra explora o desejo sexual, pois, ao homossexual é negado o direito de viver seus sonhos e fantasias completamente, abertamente, explicitamente na sociedade, então só lhe resta uma única maneira de manifestar sua condição homoafetiva: desejar sexualmente.

A homossexualidade pode também ser observada em outros personagens da obra, como o professor Aníbal, um conservador que à noite se transforma num voyeur, observando, da janela do seu apartamento, a sua bela mulher durante jogos sexuais com homens desconhecidos na rua; Marcelo, um revolucionário que, à noite, busca companhia masculina para os seus jogos sexuais.

A liberdade que os personagens de Santiago encontram durante a noite permite uma reflexão sobre a relação entre homo/sexualidade e o espaço e o tempo em que é permitida sua manifestação, pois é possível estabelecer uma forte ligação entre a livre manifestação da sexualidade e o espaço físico e temporal onde circulam esses personagens. A vigilância é responsável pelo isolamento dos personagens e pela sua busca de pertencimento a espaços periféricos, de refúgio - ruas, praças e bares do Village. Somente nesses locais é que desejos marginalizados têm a permissão para serem expostos. Esses locais permitem que se faça uma reflexão sobre a homoerotização do espaço, que pode ser verificada pelo crescente aumento de movimentos sociais e espaços LGBT, tão comuns na atualidade.

A obra de Santiago apresenta essa relação entre locais, horários e comportamentos permitidos, em que a noite é o momento de libertação, de dar vazão às fantasias e sonhos

ETTO, Rodrigo Mazer; CARLOS, Valeska Gracioso. A marginalidade social em *A Polaquinha e Stella Manhattan*. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.210-224, 2017. (ISSN: 2317-1006 - online).

reprimidos durante o dia. O dia pode ser visto como o momento em que a claridade do preconceito e da discriminação favorecem a fiscalização e o controle de suas vidas pela sociedade conservadora, que manifesta seu repúdio em atitudes de violência e segregação.

O processo de fragmentação dos personagens divide suas identidades sociais e faz com que eles mesmos sejam fiscais dos seus próprios comportamentos, evitando que sejam revelados os seus desejos, e essa divisão, que os toma internamente, pode ser observada também na cidade, que se apresenta dividida em locais em que o homossexual pode livremente dar vazão aos seus desejos, e outros ambientes onde a homossexualidade é discriminada socialmente. O centro da cidade é o local que impõe uma atitude coerente com o que se considera tradicionalmente como correto e a periferia é o lugar daqueles onde os sonhos, fantasias e impulsos interiores podem ser experimentados, longe da vigilância perturbadora e repressora da sociedade.

A experiência que Silvano Santiago teve no exterior, principalmente durante seu Doutorado em 1968 em Paris, pode ter contribuído para a criação dos seus personagens, em virtude da riqueza de elementos socioculturais, sendo que o próprio Santiago afirma que se baseou nas Artes Plásticas para compor os personagens de *Stella Manhattan*⁴.

Considerações finais

Além de apresentarem personagens ligados à temática da sexualidade e terem sido publicadas em 1985, período que marca o fim da ditadura militar no Brasil, as duas obras citadas nesse trabalho podem ser vistas como um convite dos autores para que o leitor embarque juntamente com eles numa luta pela emancipação da mulher e pelo reconhecimento do direito da livre expressão da sexualidade, constituindo-se então, em dois exemplos de literatura engajada (SARTRE, 1993), ou seja, baseada em uma causa de participação social:

Um escritor é engajado quando trata de tomar a mais lúcida e integral consciência de ter embarcado, isto é, quando faz o engajamento passar, para si e para os outros, da espontaneidade imediata ao plano refletido. O escritor é mediador por excelência, e o seu engajamento é a mediação. Mas, se é verdade que se deve pedir contas à sua obra a partir da sua condição, é preciso lembrar

⁴ Informações retiradas de entrevista de Silvano Santiago ao site da Rede Globo. Disponível em <http://redeglobo.globo.com/globouniversidade/noticia/2013/07/em-entrevista-silvano-santiago-fala-sobre-sua-carreira.html>. Acesso em 30 de jan. de 2017.

ETTO, Rodrigo Mazer; CARLOS, Valeska Gracioso. A marginalidade social em A Polaquinha e Stella Manhattan. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.210-224, 2017. (ISSN: 2317-1006 - online).

ainda que a sua condição não é apenas a de um homem em geral, mas também, precisamente, a de um escritor (1993, p. 61-62).

Para Sartre o processo de desvendar o mundo real é o que caracteriza o engajamento, pois é através desse descobrimento que o leitor de uma obra consegue alcançar seu despertar crítico, constituindo-se esse despertar através da literatura, um movimento em direção a mudanças sociais. Segundo ele, o escritor revela

O mundo e especialmente o homem para os outros homens, a fim de que estes assumam em face do objeto, assim posto a nu, a sua inteira responsabilidade. [...] Do mesmo modo, a função do escritor com que ninguém possa ignorar o mundo e considerar-se inocente dele (1993, p. 21).

Partindo da necessidade de se propor uma reflexão em torno da relação entre manifestação da sexualidade e marginalidade social, este trabalho procurou analisar as duas obras levando em consideração a situação periférica em que se localizam muitas pessoas em virtude de suas escolhas e comportamentos sexuais.

Nesse sentido, apesar da protagonista de Trevisan frequentar locais como motéis, bares e lanchonetes baratos, situando-se socioculturalmente na marginalidade, sua sexualidade podia ser vivida abertamente, não havia a necessidade de se esconder atrás de uma máscara social que impedisse sua identificação pelas outras pessoas.

Contrariamente, apesar dos personagens de Stella Manhattan também frequentarem lugares socialmente marginalizados, eles somente assumem sua condição homossexual em locais e horários específicos, como os barzinhos noturnos do Village, mudando seus comportamentos e posturas de acordo com a ocasião: durante o dia construíam uma identidade heterossexual, mais adequada para os padrões de comportamento considerados “normais”, e à noite desconstruíam a identidade assumida durante o dia e se camuflavam através da utilização de roupas que melhor definissem sua orientação sexual.

Esse caráter construtivo do processo de formação de identidades é defendido por Hall e Woodward (2000): As diversas identidades sociais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e outras são socialmente construídas e desempenhadas simultaneamente pelas pessoas envolvidas nas mais diversas práticas sociais.

Trevisan mostra um erotismo indefeso e inocente da Polaquinha, mas não somente através de um discurso erótico, e sim juntamente com um discurso de poder, que se realiza pelo elemento erótico. Seu livro não traz uma visão comercial do sexo, mas sinaliza que o caminho de prostituição escolhido pela jovem foi determinado pela desigualdade de forças

ETTO, Rodrigo Mazer; CARLOS, Valeska Gracioso. A marginalidade social em A Polaquinha e Stella Manhattan. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.210-224, 2017. (ISSN: 2317-1006 - online).

sociais, em que os valores patriarcais e sexistas que regem a sociedade, colaboram para relegar a mulher a uma posição socioculturalmente subalterna.

Essa desigualdade de forças e de direitos entre homens e mulheres é confirmada pela filósofa Simone de Beauvoir, quando diz que “o mundo sempre pertenceu aos machos” (BEAUVOIR, 2009, p.99). Essa hierarquia entre os sexos é explicada pela filósofa:

[...] verificamos que quando duas categorias humanas se acham presentes, cada uma delas quer impor à outra sua soberania; quando ambas estão em estado de sustentar a reivindicação, cria-se entre elas, seja na hostilidade, seja na amizade, sempre na tensão, uma relação de reciprocidade. Se uma delas é privilegiada, ela domina a outra e tudo faz para mantê-la na opressão. Compreende-se, pois, que o homem tenha tido vontade de dominar a mulher (BEAUVOIR, 2009, p.99).

O paralelo entre os protagonistas das duas obras permite também a constatação de que na trajetória da prostituta curitibana, suas roupas apenas serviam como um acessório, um enfeite para os programas sexuais, o que difere da finalidade que o vestuário de Eduardo e do coronel Vianna: eles necessitavam de uma camuflagem, pois mesmo a vida noturna do Village exigia que seus frequentadores utilizassem trajes que dificultavam sua identificação.

Embora esse único romance de Trevisan (1985) e o livro de Santiago (1985) estejam longe de representar toda a produção literária no contexto da abertura política, essas duas obras possibilitam refletir sobre como esses autores trataram as representações sexuais no período pós-ditadura, considerando que o texto literário permite que se desconstruam as estruturas que tentam controlar o comportamento sexual dos indivíduos.

O próprio controle da sexualidade cria uma disputa entre os gêneros, delimitando o que cabe ao homem e restando à mulher aquilo que a sociedade patriarcal acha que lhe cabe. Nesse sentido a posição social dos homossexuais é cada vez mais periférica, eles são cada vez mais silenciados, por não se enquadrarem na polarização tradicional homem/mulher.

Referências

ANTÔNIO, J. *Abraçado ao meu rancor: contos*. Editora Guanabara, 1986.

_____. *Malagueta, perus e bacanaço*. Cosac & Naify, 2004.

BARTHES, R.; ARNICHAND, A.; LORENCINI, A. *O grau zero da escritura*, 1984.

- ETTO, Rodrigo Mazer; CARLOS, Valeska Gracioso. A marginalidade social em A Polaquinha e Stella Manhattan. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.210-224, 2017. (ISSN: 2317-1006 - online).
- BEAUVOIR, S. D. *O segundo sexo*. 2ª ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 2009.
- BRANDÃO, I. D. L. *Zero: romance pré-histórico*. Rio de Janeiro: Codecri, 1979.
- BUARQUE, C.; GIL, G. *Cálice*, 1973.
- FONSECA, R. *Feliz ano novo*. Nova Fronteira, 1975.
- _____. *O cobrador e outros contos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979.
- FOUCAULT, M. *História da Sexualidade I: a vontade do saber*. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 19 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2009.
- GRIGOLETTO, E. Reflexões sobre o funcionamento do discurso outro: de Bakhtin à análise do discurso. In ZANDWAIS, Ana (org.). *Mikhail Bakhtin: contribuições para a filosofia da linguagem e estudos discursivos*. Porto Alegre: editora Sagra Luzzatto, 2005, p. 116-131.
- GULLAR, F. *Poema sujo*. Editora Companhia das Letras, 2016 [1976].
- HALL, S. Quem precisa de identidade? In: SILVA, T. T. D.; HALL, S. (Org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 12 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 103-133.
- LAURETIS, T. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, B.H. *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- SANCHES NETO, M. *O artificial obsceno: visitando a polaquinha*. Centro de Publicações, 1994.
- SANTIAGO, S. *Vale quanto pesa: ensaios sobre questões político-culturais*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- _____. *Stella Manhattan*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.
- SARTRE, J. P. *Que é a literatura?* São Paulo: Ática, 1993.
- SPIVAK, G. C. *Pode o subalterno falar?* 1. ed. Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010.
- WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. D.; HALL, S. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 7-72.
- Recebido em agosto de 2017.*
Aceito em outubro de 2017.